



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Poemas com Cinema', de Joana Matos Frias]

Ricardo Marques

Para citar este documento / To cite this document:

Ricardo Marques, "[Recensão crítica a 'Poemas com Cinema', de Joana Matos Frias]", *Colóquio/Letras*, n.º 178, Set. 2011, p. 198-201.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

és pó levantado, e que és pó caído juntamente» (p. 77). É ainda em Roma, agora interpelando o Tibre, que o Jesuíta faz re-tumbar a voz de trovão perante um público de cardeais: «Terríveis dias são estes, e terrível concurso de tempo» (Sermão do SS Sacramento).

Na impossibilidade de dar conta neste espaço de todos os sermões, cabe ainda referir o Sermão do Nascimento da Virgem Maria, proferido no Colégio da Companhia de Jesus em S. Luís do Maranhão, o único deste conjunto pronunciado no Brasil. Para além do bellissimo Sermão das Lágrimas de S. Pedro — verdadeira teoria do olhar e das lágrimas —, o volume inclui o inspirador tratado amatório, que é, entre outras coisas, o Sermão do Mandato (Roma, 1670), suavíssima meditação sobre «aquele mistério, ou enigma grande do amor tantas vezes repetido nesta hora, tantas vezes, e por tantos modos **encarecido**, tantas vezes, e tão sutilmente interpretado, mas nunca assaz entendido» (p. 453).

O tomo II inicia-se com um panegírico à Rainha Santa e indirectamente à princesa D. Isabel, a quem o volume é dedicado — o Sermão da Rainha Santa Isabel pregado em Roma no ano de 1674 —, e termina com o Sermão da Primeira Domingo do Advento, pregado na Capela Real no ano de 1651, magnífica e tremenda descrição e reflexão sobre o dia do juízo final. Este tomo inclui um dos sermões que mereceram duras críticas na sentença proferida pela Inquisição de Coimbra a 23 de Dezembro de 1667 — o Sermão de S. Pedro Nolasco pregado em S. Luís do Maranhão — e contém o importante Sermão de S. António, proferido por ocasião da Embaixada de obediência ao Papa Clemente X, em Roma, em 1670.

Sobre a problemática dos índios engloba este volume três textos decisivos: para além da obra-prima que é o famosíssimo Sermão de Santo António aos Peixes, pre-

gado no Maranhão em 1654, registre-se o Sermão da Primeira Domingo da Quaresma (1655) e o Sermão da Sexta-feira da Quaresma (1662), ambos pronunciados na Capela Real.

Muito haveria a dizer sobre o desfilhar prodigioso de episódios existenciais, narrativas míticas, recriações de cenas bíblicas, fragmentos de história, lances poéticos, críticas sociais, reflexões políticas e económicas, pensamentos filosóficos e máximas espirituais que estes dois tomos encerram.

Na época actual de banalização da cultura, o esforço de tornar acessível este património valiosíssimo, que corre o risco de se desmoronar, é uma empresa de mérito. Resta aguardar a publicação dos restantes volumes desta edição crítica dos Sermões, edição que doravante se constituirá como a obra de referência e como pedra angular do progresso e do enriquecimento dos estudos vieirinos.

Anabela Galhardo Couto

---

## ANTOLOGIAS E OBRAS REUNIDAS

### POEMAS COM CINEMA

Antologia organizada por Joana Matos Frias,

Luís Miguel Queirós e Rosa Maria Martelo

Lisboa, Assírio & Alvim / 2010

*For God's sake, let us be men  
not monkeys minding machines  
or sitting with our tails curled  
while the machine amuses us, the radio  
[or film or gramophone.*

*Monkeys with a bland grin on our faces.*

D. H. LAWRENCE, *PANSIES*, 1929

A literatura e o cinema têm tido ao longo de todo o século XX uma relação íntima de parceria. Se à primeira vista nos parece ser

uma relação unívoca, uma vez que conseguimos apontar muitos mais exemplos de adaptações de obras literárias ao cinema do que a escrita de obras influenciadas pelo cinema, a verdade é que desde muito cedo também a literatura soube acompanhar e reflectir sobre a arte mais recentemente chegada ao Olimpo, a sétima. D. H. Lawrence (1885-1930) é, como vemos, um dos poetas que escreveram sobre ela (para dizer mal), mas também se sabe hoje que Pessoa, seu contemporâneo, foi espectador do cinematógrafo, tendo deixado na sua imensa arca inédita uma série de planos para falar da nova arte que nesse início de século surgia. Já nos nossos dias, é inevitável pensar na influência que o cinema tem na produção poética, não só nas gerações mais novas que a elegem como hipertexto privilegiado, como também nas gerações mais consagradas (lembro, já fora do âmbito da poesia, um depoimento de Mário de Carvalho ao apresentar o seu romance mais recente, dizendo que este havia sido escrito com influências notórias dos preceitos e técnicas dos filmes).

Vem toda esta reflexão prévia a propósito de *Poemas com Cinema*, antologia de poemas portugueses do século XX e XXI que, de uma forma mais forte ou mais ténue, se relacionam com a arte cinematográfica e que saiu no fim de 2010 na Assírio & Alvim. Os seus organizadores parecem saber do que falam — Luís Miguel Queirós é poeta e crítico literário que está habituado a fazer antologias, e tanto Joana Matos Frias como Rosa Maria Martelo, docentes na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, se têm dedicado a escrever sobre a relação da poesia com o cinema — e isso transparece nas várias divisões do livro, bem como num cuidado prefácio («Antes do Filme»). Este revela a existência de mais outra antologia sobre poesia e cinema à qual os autores foram buscar seis dos 92 poemas que fazem o livro (*O Bosque*

*Sagrado. O Cinema na Poesia*, Porto, Gota de Água, 1986), e as motivações e decisões tomadas («em lugar de privilegiar a quantidade, o que facilmente nos conduziria a um *corpus* difícil de apreender no seu conjunto, preferimos dar legibilidade às linhas que nos parecem mais estruturantes no diálogo da poesia portuguesa com o cinema»). Também aprendemos no prefácio que a *presença* do cinema na poesia portuguesa começa a ser mais premente à medida que o século avança, o que a bem da verdade os poemas atestam. O poema mais antigo rima com inícios do cinema falado (1930) e é um verdadeiro hino ao ecrã de Edmundo de Bettencourt, enquadrando-se desde logo na primeira das secções do volume, em que estão todos os poemas onde a reflexão sobre o próprio cinema é o mais premente dos temas. No entanto, outro poema sensivelmente do mesmo período (1938), de António Botto, que encabeça a secção seguinte da antologia (sob o título «Depois do Filme»), pode ser emparelhado à perspectiva negativa e desconfiada de Lawrence que vimos atrás («Não volto, não. Isto acabou e foi de vez. [...] Fui ontem ao cinema. // Sentei-me, calmo, à noite, num jardim. // Beijei uma mulher / Sem perguntar quem era... // — Agora dou por mim»).

Do outro lado do eixo temporal, temos poetas recentíssimos como Miguel-Manso (n. 1979) e Rui Lage (n. 1975) que já tomam o cinema como arte *per se*, construindo os seus versos com os métodos que esta lhes ensinou, nomeadamente com longos *travellings* anacrónicos narrativos. Esta abertura, de resto, atinge um ponto extremo num poema de outro poeta desta geração, Daniel Jonas (n. 1973), expressa desde logo no seu título — «Crítica de Miguel Gomes a Funny Games de Michael Haneke».

O discurso intertextual é portanto muito heterogéneo, não só pelo próprio estilo

dos poetas representados, mas também pela forma como cada um se relaciona com o assunto-tema da antologia, bem como pelo motivo a que escolhe aludir. De um ponto de vista sistemático, esta antologia responde ou aponta algumas respostas sobre o tipo de relação que entre a poesia portuguesa e o cinema se foi estabelecendo.

Em primeiro lugar, podemos entrever alguns núcleos importantes dentro do tipo de cinema a que os poemas se reportam. Saem privilegiados os cinemas oriental (sobretudo nos poetas mais recentes, talvez devido à existência de mais recursos mediáticos e traduções), russo (*Rubliev* de Tarkovsky tem direito a dois poemas, um de Tolentino Mendonça e outro de Gil de Carvalho, mas também convém lembrar o «Potemkin», de Jorge de Sena, e o «Ivan o Terrível no Alentejo», de Pinheiro Torres) e europeu (sobretudo o italiano e o francês, mas também o inglês e o dinamarquês). O discurso poético não se esquivava, porém, ao imaginário legado pelo *mainstream* americano (do imaginário de fronteira da figura do «cowboy» de Pinheiro Torres ao «Titanic», de Fiamma, e ao «Charlotarde», de Alexandre O'Neill, finalizando na Marilyn de Ruy Belo, esta última já fazendo parte da história da poesia portuguesa contemporânea). O próprio cinema português não fica de fora («Depois de *O Sangue*, de Pedro Costa», de Ana Paula Inácio, «Vai e Vem», de Manuel de Freitas), bem como outro cinema específico, o erótico, a que um poeta do garbarito satirizante de O'Neill tinha de se referir no seu jocoso «Pornocine» (apenas revelado postumamente, em 2003, pela revista *Relâmpago*), e que encontra um tom mais analítico, crítico e clássico em «Filmes Pornográficos», de Jorge de Sena.

Gostaria de salientar ainda o facto de esta antologia apontar uma possível reversibilidade dos discursos quando vemos

incluído um poema do crítico de cinema João Lopes (n. 1954), numa faceta menos conhecida de poeta. O texto em questão é um longo poema escrito em verso de medida curta, onde nos familiariza com uma série de memórias específicas que tem de alguns filmes que viu, através de pormenores relacionados com «adereços e guarda-roupa», o título que lhe foi posto.

Para concluir, é assim uma boa antologia a que foi lançada pela Assírio & Alvim no fim do ano de 2010. Alguns pontos fracos, como a repetição excessiva e deslocada de certos autores (os poemas de seis poetas — José Miguel Silva, Ruy Belo, Alexandre O'Neill, Pedro Mexia, Manuel de Freitas e Gil de Carvalho — perfazem um terço da antologia, facto que é ainda mais incongruente quando, segundo as próprias palavras dos organizadores, a quantidade não era prioritária), são facilmente esquecidos pelo carácter pioneiro e audaz do volume. Que a poesia vai aos filmes, se fecha no escuro e relata o que vê não parece novidade, mas agora sabemos com esta quase centena de poemas (quase tantos quantos os anos em que nos fascina essa arte da «imagem animada», como a definiu Guillermo de Torre já em 1925) que isso também foi feito em português. É com esse compromisso que gostaria de terminar, com o resumo poético e contemporâneo de José Mário Silva (p. 34) do que é o fascínio de ir ao cinema, e que, penso, igualmente sumariza nos seus versos o próprio objectivo e conteúdo da antologia que temos em mãos:

#### CINEMAS KING (SESSÃO DA MEIA-NOITE)

Deixa passar oito minutos  
entra já às escuras, segue  
o foco da lâmpada na  
escuridão. Observa,  
se puderes, o *travelling*  
a reflectir-se, trémulo,

em rostos desconhecidos.  
Guarda o bilhete rectangular  
no bolso do casaco e senta-te  
na primeira fila, para que a  
vista arda. Depois respira  
fundo. Sabes como funciona:  
a verdade (e a mentira) em  
24 imagens por segundo.

*Ricardo Marques*

**Jorge de Sena**

### ANTOLOGIA POÉTICA

Organização de Jorge Fazenda Lourenço  
Lisboa, Guimarães Editores / 2010

«A poesia tão igual a uma lepra! / E os poetas na leprosaria / vão vivendo / uns com os outros, / inspeccionando as chagas / uns dos outros.» A definição da poesia como doença, e doença desfigurante, que fere, que causa chagas, que conduz ao isolamento em leprosarias — e cabe lembrar que as leprosarias são as antepassadas dos hospícios e por muito tempo serviram para afastar dos olhos são da sociedade não só os doentes do corpo mas também os da mente e, porque não, da alma —, a definição da poesia como algo que marca, indelével e dolorosamente as suas vítimas, é também, ironicamente, uma definição da arte como ponto em comum, capaz de promover o encontro e o diálogo permanente dos que, testemunhas do sofrimento dos seus pares, inspeccionam as chagas uns dos outros.

Autor de uma extraordinariamente vasta produção intelectual, que compreende ficção, teatro, traduções e uma densa obra crítica, Jorge de Sena é, antes de tudo, um poeta. E, sabendo-se veículo de permanente metamorfose, a poesia-testemunho de Sena é feita de «expectação e vigilância», mas também de tentação, de tentativa, de busca pelo que o mundo revela,

por outros mundos possíveis, por outras linguagens necessárias. É uma experimentação sensual e sensorial do mundo, com suas chagas e prazeres.

Com um olhar analógico capaz de traduzir o testemunho do mundo expresso por outras linguagens, o espaço da abertura, do intervalo entre uma e outra passa a ser palco de um exercício de transfiguração poética em que o diálogo intersemiótico produz composições críticas e elementos oriundos de sistemas linguísticos distintos que se aproximam não apenas no nível da significação, mas também, em alguns casos, no âmbito morfológico, no plano mais evidente da potência significante. A poesia passa a actuar como espelho de outros espelhos, de outras formas de apreensão do mundo e de transformação do infável em testemunho.

Se a poesia é mesmo «tão igual a uma lepra», doença que faz com que as suas vítimas se despedacem aos poucos, num processo que é de mutilação, mas também de expansão, «mais cacos do que havia louça no vaso», fragmentos que se espalham, a poesia como uma doença grave, contagiosa e que condena ao isolamento social, ao confinamento na leprosaria, pode ser lida como qualquer forma de arte, como qualquer mecanismo que permita ao indivíduo converter-se em elemento que, deslocado para a margem do mundo, actue como testemunha com distanciamento crítico necessário e visão privilegiada.

Como a loucura, inicialmente também aprisionada em leprosarias, a poesia, compreendida no seu significado original de criação, contamina as suas «vítimas» com uma ambiguidade fundamental: o domínio de uma espécie de clarividência, de entendimento aumentado do real, e a incompetência comunicativa, o descrédito que acompanha o discurso de quem anuncia o invisível. Como a lepra, gera